



## Como afecta o patriarcado às lésbicas?

Junho de 2010

### **Mai Cambeiro (Integrante de BOGA e da Rede Feminista Galega)**

Esta palestra nom foi construída a partir de clasificacións ou recompilacións formais, mais bem é o resultado de visons e vivências persoais e de compañeiras, do mal-estar que em diferentes momentos pugemos en comum e da sua coincidência.

Ao longo da mesma falarei constantemente em termos de lesbianismo e heterossexualidade, porque é a linguagem que achei mais práctica para a desenvolver, e para visibilizar as violências específicas que sofremos as lésbicas. Mas isto nom quer dizer que a realidade se reduza a umha ou outra opción. Umha mulher que mantenha relacións lésbicas pode tomar o marco do lesbianismo como referència e identificar-se como "lésbica", por identidade, por visibilidade, por combate social... Ou pode nom fazê-lo. Nom existe umha só etiquetagem nem umha única forma (ou só duas formas, como às que se fai referència no texto) de viver as relacións, e nom quigera transmitir essa ideia reducente.

Vamos lá.

### *COMO AFECTA O PATRIARCADO ÀS LÉSBICAS?*

#### ★ **HETEROSSEXUALIDADE OBRIGATÓRIA**

A heterossexualidade presenta-se vitalmente como único caminho.

Isto tem como conseqüência a negaçom da existência lésbica; a sua invisibilidade, ocultaçom, repressom... tanto na história como na actualidade. Hoje parece que o lesbianismo é apresentado como algo do dous mil, tipo wi-fi ou i-pod. Mas o amor entre mulheres existiu sempre; em cada época, em cada sociedade. Esta é umha realidade inegável, pese a quem lhe pesar.

Exemplos de todos estes esforços, conscientes e activos, por apresentar umha única realidade heterossexual hai-nos em diferentes momentos e ámbitos:

- *A educación formal.* A escola é um enorme vazio a respeito das relacións lésbicas. Transmite-se umha única visom histórica, onde se oculta a



existência deste tipo de relações: União de personagens relevantes, literatura romântica, obras difundidas, reflexo nas artes... O mesmo acontece nas faculdades: Quando falastes de orientação sexual? De lesbianismo? De identidade de gênero? E refiro-me a falar de verdade. Em psicologia por exemplo, onde eu estudo, a homossexualidade omite-se completamente, a exceção de um punhado de menções ao longo de toda a licenciatura. Nem sequer em disciplinas em que se fala das etapas de desenvolvimento, da construção do eu, dos modelos de amor e as suas implicações a nível pessoal... A imagem que guardamos é a de professorado apurando o passo para o gabinete ao ser perguntado, argumentando que não existem em investigação resultados concludentes, ou que isso virá noutro diapositivo (que nunca chega). Na universidade há moreias de apontamentos em branco sobre homossexualidade.

- *Destruição de material lésbico.* Aqui contam tanto os impedimentos de todo o tipo para que este material fosse elaborado e visse a luz, em especial a sua eliminação. Safo, por exemplo, conseguiu levar avante algumas das suas obras, mas sabe-se que outras muitas foram destruídas.
- *Discursos dominantes.* A legislação toma a homossexualidade como algo marginal que tem de controlar ou fazer-lhe concessões para que não atente contra o estabelecido; a visão demoníaca, antinatural e de abominação que promulga a Igreja e o discurso patológico da saúde mental reforçam-se mutuamente. Têm implicações de restrição de liberdades, iniquidade, culpabilidade, auto-ódio, medicalização, terapias aversivas, vidas não vividas, violência simbólica, verbal, física...
- *Sociedades e momentos históricos.* A época do Império Romano é comumente tomada como referente da homossexualidade, a prova da existência da mesma em diferentes momentos históricos. Mas a homossexualidade que "existia" era a masculina. A homossexualidade feminina era inconcebível. Duas mulheres não podiam relacionar-se nesses termos. A sua sexualidade não tinha existência em si mesma, só cobrava sentido e realidade no momento em que se vinculava a um homem. Assim, as relações lésbicas eram consideradas simples entretenimentos e treinos sexuais para a chegada dos homens, o único sexo.

Durante o franquismo, os homens gays eram encarcerados, por homossexualidade. De novo, a homossexualidade entre mulheres não era considerada possível, pelo que também não era legível. No máximo, atingia o status de confusão ou desvio e éramos levadas a psiquiátricos para sermos tratadas com aversivas técnicas. Tolas, perdidas ou confundidas e



necessitadas do guia de um homem; mas em todo o caso nom sabíamos o que fazíamos.

Nos campos de concentraçom nazis os homens gays marcavam-se com um triângulo rosa invertido que os identificava como homossexuais e, portanto, como mais desprezíveis. As mulheres lésbicas éramos marcadas com um triângulo negro invertido; o mesmo com o que se marcava às prostitutas, às pessoas indigentes... Às que formavam as camadas mais baixas da sociedade, o subterrâneo. Nom é só que às lésbicas nos fosse negada a condiçom de lésbicas, é que nos era negada a condiçom de pessoas.

- *Situaçom actual.* África do Sul-Uganda: Concebe-se a existênciam do lesbianismo, mas como doençam que deve ser curada, onde os estupros som o que se considera remédio curativo ou de reconversom. É dizer, as lésbicas somos estupradas sistematicamente como cura à nossa enfermidade. Aliás, entende-se que temos muitas menos provabilidades de ter a sida, o que nos fai mais 'estupráveis'. Legalmente um estupro deste tipo implica uns quantos meses em prisom. Isto é só um exemplo.

Mas nom quero transmitir a ideia de que na actualidade esta é só a realidade "dessas culturas" ou "desses países". Os estupros "curativos" tenhem a sua traduçom em frases tais como "a ti o que che fai falta é umha boa pixa". Esta é umha frase comum a todas as lésbicas e que escuitamos repetidas vezes, em muito diferentes contextos... Evidentemente nom estou situando num mesmo plano de gravidade a violênciam de um estupro que a violênciam deste tipo; assinalo que a concepçom de fundo é a mesma.

Outro exemplo mais próximo: Há cinco anos organizou-se em Compostela um comando homofóbico. Estabeleciam o contacto através da rede, entrando em chats e sites gays e lésbicos. Faziam-se passar por homossexuais e combinavam. Umha vez que a pessoa chegava ao lugar combinado um grupo atirava-lhe a documentaçom e ameaçava-a com ir à sua casa a fazer-lhe dano a ela e à sua família se nom fazia o que lhe pediam. Com exactidom, o que lhe pediam era auto-humilhar-se, autodesprezar-se, auto-inculpar-se de abominaçom e pederastia... diante de umha câmara que o gravava todo. E isto aconteceu aqui, em Compostela.

#### CONSEQÜÊNCIAS:

O marco da única realidade heterossexual implica a obrigatoriedade de percorrer primeiro o que se mostra como único caminho, para depois, se por circunstâncias pessoais e contextuais tiveres essa possibilidade, fazer a alternativa



lésbica. Este jogo de caminho principal e alternativo impede construir simbolicamente ambas as realidades de forma equitativa. O lésbico sempre será o marginal, a alternativa.

A nível mais prático, provoca:

- Ter experiências heterossexuais nom desejadas (com a violência que isto implica).

- Nom ter experiências lésbicas desejadas (com a violência que isto implica).

- Nom poder construir a própria identidade, orientação, desejo, sexualidade... a respeito da realidade lésbica.

- Nom poder viver-te, nem viver a tua vida como desejas.

Que podemos falar de dívida social? Sim. Que esta dívida nom se pode saldar? Também... Mas acho que é necessário falar dela, e que contribui a mudar as cousas...

#### ★ **DUPLA NEGAÇÃO DA SEXUALIDADE: COMO MULHERES E COMO LÉSBICAS**

Já vimos que as mulheres nom somos donas da nossa sexualidade.

Nom sentimos desejo nem prazer (e se se aceitar que o sentimos nom nos é permitido) ou quando menos nom o sentimos em termos comparáveis aos do baremo masculino. Por isso duas mulheres podem estar despidas, acariciando-se, beijando-se, que será entendido como "amiguismo especial", mas nunca como verdadeiro sexo.

E sim, as lésbicas temos sexo, e um sexo moi prazenteiro, aliás.

Mas esta nom é só umha visom que se nos imponha desde fora, senom que é a visom em que nós próprias (mulheres heterossexuais e mulheres lésbicas) somos educadas e, portanto, umha carga que arrastamos na forma de viver nós e de viver as relações. Umha luta que fazer.

Tal carga visibiliza-se em aspetos como o da masturbação. Muitas mulheres nom se masturbam. Nom é só que nom o fagam habitualmente, é que algumas delas nom o figérom nunca, apenas sabem como é a sua vagina e nom contemplam a possibilidade de sabê-lo nem de dar-se prazer. Sentem-se sujas e fazendo algo mau. Outras sim se masturbam e confessam que o fam mas é isso, umha confissom; umha carga que arrastam e da qual se libertam quando por fim o dim numha conversa "mais íntima", e umha vez "libertadas" voltam cargar-se com doses de vergonha, desconfiança e medo polo que podam pensar delas. Algumas mulheres que se masturbam deixam de fazê-lo quando tenhem casal, sobretudo, quando o



casal é um homem. Seguramente porque no lesbianismo temos um trabalho extra na questom de fazer nossa a sexualidade que a maioria nos nega e, com certeza, de a desvincular da propriedade dos homens. Argumentam que "ele já lhes dá todo o que precisam", ou que sentem que fazê-lo seria "umha traiçom", e que lhes "pareceria mal" que ele o fizesse. Às mulheres com este pensamento sempre lhes digo que se vaiam preparando para que lhes pareça mal.

A nossa sexualidade é cousa nossa, assim o contacto com o nosso corpo e o prazer que podemos dar-nos nom depende de com quem estejamos. Depende de nós. Ainda seguindo esse fio argumental, conhecer-te, saber do que gostas, sentir-te mais comunicada contigo mesma, mais livre... é positivo para ti e para quem se relacionar contigo e repercute nas relaçons sexuais com outras pessoas.

As mulheres estamos adoutrinadas por todo um entramado directo, infraconsciente, sutil... para satisfazer o prazer dos homens. Quando por primeira vez nos vemos numha situaçom sexual deste tipo possuímos um conhecimento cuja origem nom somos capazes de localizar, mas percebemos que está aí. Aplicamos um par de técnicas, ou seguimos umha espécie de "intuiçom" e... *tarám!* Tivemos sexo.

Quando muitas lésbicas temos umha primeira situaçom sexual nom sabemos que fazer. Embora o nosso verdadeiro desejo seja por outra mulher, a pesar de partilhar o corpo com ela e o mesmo prazer... Nom temos esse conhecimento.

As mulheres estamos expropriadas do nosso corpo e dos saberes sobre ele. Desconhecer o prazer da outra é desconhecer o nosso próprio prazer. Mas como nom desconhecê-lo se de base nom nos pertence e temos que lutar por ele... Esta luita pessoal e com a outra fai-se, e avançamos no conhecimento e no prazer. Mas partimos de umha relaçom de estranhas com a nossa sexualidade, e é um caminho longo.

Outra situaçom relacionada que gera raiva e tristeza é a da "virgindade" (para quem a considerar). Muitas mulheres nom som quem de identificar "a sua primeira vez" com outra mulher. Nom sabem delimitar que é sexo, ou quando menos que é o "oficialmente" considerado como tal. Porque há um baleiro informativo sobre todo o lésbico, e porque (des)aprendemos à perfeiçom isso de que sexo significa pénis.

A meu modo de ver, nom há umha concepçom sexual válida para todas as relaçons nem para todas as pessoas. Sexo é o que cada umha considerar como tal para si própria. Despersonalizar essa linha e assumir a imposta, a nom representativa, reducente, falocéntrica e patriarcal é assumir um modo de relacionamento sexual nada positivo nem satisfatório para as mulheres e, sobretudo, para as mulheres heterossexuais, porque seguramente o do coito falocéntrico seja dos menores problemas para as lésbicas...



Assim, fica muito de trabalho pessoal, com nós mesmas e com as outras. FALEMOS. Rompamos os pactos de silêncio. Fagamos desaparecer esses micromundos oprimidos de medos, inseguranças, vergonhas... partilhando-os e diluindo-os entre as demais. Porque a difícil relação com a sexualidade é algo de todas. Todas temos complexos, todas sentimos nervos e medo; a todas nos custa sentir-nos preciosas despidas e perante a olhada da outra pessoa. Todas nos preocupamos pela nossa destreza, pelo nosso sabor, pelo nosso cheiro, todas temos coisas que não queremos ou não podemos fazer, que não nos atrevemos a pedir, momentos em que não nos sabemos comunicar... E não reconhecer-se no momento actual nalguma destas coisas é fruto do trabalho pessoal e do ponto do processo em que estejamos, não de uma linha de partida diferente na relação com a sexualidade que estabelecemos como mulheres.

#### ★ **NOM SOMOS SUJEITOS SEXUAIS MAS SIM OBJECTOS SEXUAIS**

Não dispomos de sexualidade própria, mas sim estamos sexuadas. Não podemos viver verdadeiro amor e sexo entre nós, mas sim podemos significar sexo, excitação, fantasia... para um terceiro. Um terceiro masculino.

Isto reflecte-se na pornografia.

As lésbicas somos utilizadas no imaginário e na indústria sexual dos homens como acréscimo; como algo exótico, misterioso, proibido... que aumenta o desfrute. Numha cena de este tipo, absolutamente nada é representativo: As mulheres protagonistas apresentam características físicas e comportamentais valorizadas de uma olhada masculina, adoitam estar operadas, estimular-se de forma nada real nem identitária e relacionar-se de forma fria ainda que simuladamente apaixonada. Essas mulheres não têm essa relação por e para elas, senão para o homem que fita, e que muitas vezes toma corpo e aparece na cena para representar o "verdadeiro" sexo com uma "desejada e culminante" penetração.

Isto, de princípio a fim, é violência.

#### ★ **LIMITAÇÕES E RISCOS EM ESPAÇOS PÚBLICOS**

Esta violência estende-se à rua. Alimentar a concepção de que as lésbicas somos um produto sem realidade independente e própria implica que quando estás num espaço público com outra mulher em atitude afectuosa, o homem que passa percebe que estás nesse preciso momento, nesse preciso metro quadrado, como algo



ambiental, para o seu gozo e desfrute. O mais comum é que nom passe de longo sem cho fazer saber.

Por isso a gayfobia e a lesbofobia tenhem componentes distintas, e a homofobia que sofremos as lésbicas está mais relacionada com a violência sexual.

O primeiro achegamento segue mais esta pauta: Propostas de trios, perguntas sobre como temos sexo, petiçons vouyeuristas, tentativas de filmar-nos, fotografar-nos... tentativas de contacto físico, perseguiçons pola rua... Mas no momento em que a resposta (ou a nom resposta) que dás nom é a desejada, o sexual torna-se em mais agressivo, e aí é quando passas de "lésbica apetecível" a "sáfica de merda", e começam os insultos, esse "a ti o que che fai falta é umha boa picha" e, às vezes, as ameaças de agressom física.

Isto estabelece um claro limite de liberdade sobre como podemos as lésbicas situar-nos no espaço: Sabemos que em certas partes das cidades corremos mais riscos; que estamos limitadas nas escapadas nocturnas e románticas a praias, parques... Que haverá bares e outros lugares nos quais nos acossem e nos botem; que simplesmente indo pola rua agarradas vamos desencadear reacçons... E é que o facto de ser lésbica fai mais visível o pacto entre homens.

Todas identificamos esta sensaçom de alerta (mais ou menos consciente) quando vamos só pola rua, que se amplifica se aparece um homem e que se fai ainda maior se aparecem vários em grupo. Todas partilhamos a certeza de que nesse momento vamos ser agredidas. Visualmente, a nível de espaços, verbalmente, fisicamente... E todas sabemos também da experiênciade ir pola rua com dez ou vinte companheiras e que nos caia a pergunta de "onde ides tam sozinhas", ou a convicçom de que isso é umha despedida de solteira. E é que as mulheres se nom estamos com um homem, estamos sós. E se estamos sós será algo circunstancial, mas de seguro terá também a ver com um homem.

As lésbicas passamos muito tempo sozinhas.

### ★ **FALTA DE CULTURA PRÓPRIA E DE REFERENTES REALISTAS POSITIVOS**

A publicidade, a música, o cinema, a literatura, os concursos, a moda, as séries da televisom, o visível na rua... O mundo é heterossexual e às lésbicas corresponde-nos um pequeno recanto, para além de ínfimo, marginal. Naturalmente, temos realidade e cultura, mas a comparaçom resulta umha quantidade ridícula.

A hetero-realidade apresenta-se como única e num único modelo de amor e de relaçom. Nengumha destas linhas únicas está traçada para nos situar dentro de



umhas margens saudáveis, assim que, como mulheres, nos vemos na obrigação (por sobrevivência e qualidade de vida) de fazer diferentes desconstruções, que como lésbicas temos que ampliar porque a norma nos resulta ainda menos identitária.

E depois da desconstrução? O vazio. Porque não há referentes lésbicos de relação; nem sequer referentes da relação lésbica que estabelecer contigo mesma. Muito menos com outra pessoa.

Isto que pode parecer dramático (que de facto o é) tem a sua parte positiva e preciosa: O lésbico é um mundo novo e por construir, algo a fazer entre todas.

Umha das cousas que me fazem sentir que o lesbianismo é o meu lugar é, umha vez feito este trabalho, a liberdade de papéis nas relações. Saber que todo o que ti fazes, sexualmente e no resto dos níveis, pode ser feito pela outra e viceversa. Poder encontrar-te e desfrutar de ti como pessoa completa não ajustada a umha norma.

Nesta esfera quero fazer um chamamento à responsabilidade: Construir este mundo para nós é, e tem de ser, coisa nossa. As nossas literaturas, os nossos filmes, os nossos sexos, as nossas formas de relação... decidimo-las nós. Se deixarmos que o imperante se aproprie desta construção continuaremos na mesma merda com outro nome, e ainda por cima deveremos estar agradecidas, baixar a cabeça e fazer concessões.

Aproveitemos a oportunidade.

### ★ **MAIOR INSUFICIÊNCIA/INEXISTÊNCIA DE RECURSOS NA VIOLÊNCIA ENTRE LÉSBICAS**

Se os recursos que se destinam a combater a violência machista em relações heterossexuais são claramente insuficientes, podemos deduzir em que situação estamos quando a violência se dá num casal lésbico, sobretudo, sabendo que a maioria da gente dá por suposta a sua inexistência, e ao conhecê-la não é quem de compreendê-la. A insuficiência de recursos transcende ao social, ao legal... chegando a alcançar um nível mental.

Actualmente o que me consta é que no Estado espanhol este tema só está a ser tratado em Valência por <<R.A.R.A.S.S - frente al maltrato lésbico>> (Redes Antipatriarcales de Reflexión y Acciones Solidarias Subversivas) coordenadas por Esther Prado, psicóloga e activista. Efectivamente, há um número elevado de mulheres que chamam ou acodem solicitando assistência, e sim há um grande



trabalho. Mas do resto, nada. Não há dispositivos de atenção para além do activismo, e em centros como os CIM a ajuda acaba quando dis que quem te maltrata é uma mulher, porque não existe pessoal qualificado nem a Lei de Violência de Género contempla este caso.

À falta de recursos temos de lhe somar o resto de implicações da lesbofobia, tanto externa como interna.

Da externa pode dar-se um rejeitamento directo ou o não reconhecimento da relação, e, portanto, do maltrato, assim como falta de apoio por considerar que esse tipo de violência não pode dar-se entre duas mulheres, e que o que mantêm não é uma verdadeira relação.

Da interna, podemos falar em termos muito semelhantes de rejeição e não reconhecimento, o que dificulta a procura de ajuda e a consciência da situação de maltrato.

Um destes mal-estares comuns expressado no Encontro Feminista Estatal em Granada este passado ano, no obradoiro de violência entre lésbicas que dirigia Esther Prado, foi o de que todas sentíamos grandes dificuldades para nos reconhecer neste tipo de relações, e para reconhecer como agressora à outra. Esta dificuldade diminuía se narrávamos as histórias em masculino, pondo um homem como agressor. Igual que acontece nas aprendizagens com o sexo, temos uma espécie de listagem interna do que é violência num casal heterossexual, e do que pode ser um perfil de agressor. Mas identificar uma igual como agressora... Num jogo de violência de que já somos vítimas a nível estrutural, usando armas de que sabemos à perfeição o dano que fazem porque as padecemos em nós mesmas... É muito duro e complicado.

Isto supom uma soma de violências que tem um efeito bola de neve. Ademais, é empregado como arma, pois a vítima está mais isolada, (mesmo completamente isolada em casos mais extremos de lesbofobia nos quais é repudiada da família, expulsa do trabalho...) e mais desprotegida social e legalmente e a nível de informação. O "onde vas ir tu" e o "que vas fazer sem mim" amplificam-se.

A falta de consciência de que esta violência pode existir nas nossas relações é um signo do lugar que ocupamos nesta sociedade. Ainda assim, há uma pequena parte que compreendo: Realmente as mulheres temos recursos para nos tratar melhor.



## ★ ARMÁRIOS

Os armários som sociais, nom pessoais. O pessoal está em se os situas ou nom na tua vida, e em que recanto. Mas a sua existência reside na presunçom de heterossexualidade, nom no teu carácter individual.

A norma é que todo o mundo é heterossexual até se demonstrar o contrário. Esse “demostrá-lo” é viver a tua vida: Ir numha atitude afectuosa com outra mulher pola rua, falar das tuas relaçons, que te vaiam procurar à universidade, ao trabalho, contar o que figeche no fim-de-semana... Isto é sair do armário, porque quem estava ao teu redor tinha-te metida dentro. A violência nom está só na presunçom, em que se assuma que a tua vida afectivo-sexual está vinculada a um homem: Que te metam e tirem de armários em qualquer momento supom um desgaste energético, e situa-te numha posiçom beligerante que nom sempre estás disposta a manter. Já que as reacçons do contorno podem nom ser agradáveis, o que te impom imediatamente tensom, defesa, discussom... às vezes ter que partir do lugar. Outras vezes as reacçons nom som directamente negativas, senom que em lugar de ser tratada com desprezo é tratada como um animal exótico, e começam as perguntas tipo “e como tenhem sexo duas mulheres? E desde quando o sabes? Estiveche alguma vez com um homem? E a tua família o sabe? Pensas ter filhas/os? Tés namorada?” etc.

## ★ TRASLADO DA PIRÂMIDE DE OPRESSOM: SEXISMO E HETEROSSEXISMO

Se nos representássemos de forma jerárquica, a ordem de arriba abaixo seria: homem heterossexual – mulher heterossexual – homem gay – mulher lésbica.

A pirâmide de opressom traslada-se à homossexualidade, as lésbicas vemo-nos por segunda vez invisibilizadas e oprimidas. Nom é casual que a homossexualidade pareça cousa de homens na rua, na mídia... Nom é casual que o que trascenda seja o seu discurso e o que se ouçam sejam as suas vozes, a sua música... Que sejam para eles os locais, as festas...

Todas estas nom-casualidades podem chegar a conformar a visom de que as lésbicas somos menos combativas.

Às avessas. O menos subversivo é o máis assimilável polo sistema. O lesbianismo, essa cousa de mulheres à margem dos homens, é mais molesto, sobretudo se se viver vinculado ao feminismo, como vive a maior parte do



movimento lésbico. A isto somemos-lhe a reprodução da opressão, e chegaremos à realidade.

Exemplos palpáveis disto têm-los em qualquer acto lgbt, onde os microfones e as câmaras de primeiras se dirigem sempre aos homens. Também nos locais de ambiente das nossas cidades, onde em nenhum lugar se define, como locais para homens, mas têm na porta um cartaz invisível que faz menos desejada e agradável a presença de mulheres. E é que em muitos destes locais a música, os vídeos, a ambientação, os modos de relacionamento... são denigrantes para nós. Porque temos companheiros, sim, mas ser gay não implica por si mesmo estar de lado das mulheres.

### ★ **CRUZAMENTO DE PRIVILÉGIOS ENTRE MULHERES HETEROSSEXUAIS E LÉSBICAS**

O facto de pertencermos a estamentos diferentes provoca que os nossos privilégios dentro das relações estejam também em posições hierárquicas diferentes.

Quando uma mulher que se posiciona como heterossexual mantém uma relação afectivo-sexual com outra mulher que se posiciona como lésbica, pode que esta tenha lugar para ambas de forma positiva ou, pelo contrário, que entrem em jogo algumas das questões assinaladas nos pontos anteriores, como é o não reconhecimento pleno da sexualidade lésbica.

Neste sentido, a mulher heterossexual pode viver a relação (já for uma relação pontual ou mais estendida no tempo) como experimentação, como libertinagem, como algo exótico... Mas não como verdadeira sexualidade, porque esta só tem capacidade de ser se for vinculada a um homem.

A nível prático esta concepção reflecte-se em algo mais que não outorgar à relação este reconhecimento. Pode existir, por exemplo, rejeitamento a tudo o que seja mais explicitamente lésbico: O ambiente, com mulheres que vivem como lésbicas e que mantêm este tipo de relações; a pluma, o medo de ser etiquetada como lésbica por extensão; o activismo, ao que desta perspectiva teria bastante pouco sentido... Ou também pode dar-se uma minimização, invisibilização e negação a respeito do que realmente é a relação, apresentando-a e etiquetando-a como amizade, família, ou inclusive, como duas desconhecidas.

Se uma das liberdades que se obtinham nos casais lésbicos era que se diluíssem os papéis, podem impor-se aqui os do estrato superior, e assumir a mulher heterossexual um papel "tipicamente feminino" que imponha à lésbica um papel complementar "tipicamente masculino" das relações heteronormativas.



Dentro do mesmo marco estaria a posição tradicional da rivalidade entre mulheres. Aquelas que estejam habituadas a competir com as demais para se ganharem o favor dos homens, e a medir a sua beleza ou as suas qualidades através do ódio e a inveja das outras, encontrarão um alimento para o seu ego no feito de que outra mulher rompa essa competitividade e a mude por desejo. Assim, o jogo de sedução pode ser mantido sem um interesse real por essa mulher nem por chegar a manter uma relação. E caso chegue a mantê-la, se mantém ao tempo a visão da heterossexualidade como caminho único, podem dar-se comportamentos compensatórios ante sentimentos de "excesso de lesbianismo". Estes incluem jogos de sedução e contactos sexuais com homens, ou discriminação da mulher lésbica pela sua orientação.

Como dizem ao começo, os posicionamentos de lésbica e heterossexual são uma opção, e não são as únicas. Mais posicionamentos diferentes não têm por que implicar ausência de carinho e de respeito em qualquer tipo de relação que se estabelecer.

#### ★ FEMINIZAÇÃO/MASCULINIZAÇÃO. ESCOLHIDA VS IMPOSTA

Já falamos da falta de cultura e de referentes positivos e do lesbianismo como caminho simbolicamente desigual para nos construirmos.

Os referentes majoritários e que temos de primeiras situam-se dentro do falso binómio: Ou és um homem que deseja as mulheres, ou és uma mulher que deseja os homens. Não há mais opções.

Que acontece então quando és uma mulher que deseja as mulheres? Caes de novo num vazio, e na obrigação de te questionares:

- 1) Que pólo ocupas no binómio.
- 2) Em que lugar do mesmo te situas se o consideras como um contínuo cheio de pontos intermédios.
- 3) Que lugar ocuparás ou construirás fora do mesmo.

Isto implica que nesta sociedade concreta, com a existência desta coisa que chamamos género e com as suas enormes repercussões em cada área vital, temos muito limitada a capacidade de construirmo-nos como pessoas de características individuais, e sermos "fulana" ou "sicrana" com toda a nossa idiossincrasia, porque seremos "fulana" ou "sicrana" com a nossa posição respeito do falso binómio, e com o peso da "masculinização" ou "feminização", da "pluma" ou da "não-pluma" (peso acrescentado para as lésbicas) que existem ao seu redor.



Mulheres lésbicas que actualmente se definem como “muito masculinas” ou “muito femininas”, numha sociedade sem binómio poderiam ser pessoas bastante diferentes.

Estas implicações chegam ao mais profundo de nós, a todos os níveis, mas existem exemplos como o do Irám em que ainda som mais visíveis.

No Irám a homossexualidade é proibida, mas nom a transexualidade. Por que? Porque a transexualidade reproduz o binómio. Um casal lésbico entre duas mulheres é proibido, mas nom umha relação entre um homem transexual e umha mulher que, dentro deste perverso jogo, numha relação com esse homem poderia ser definida como heterossexual.

Muitas mulheres vem-se na obrigação de realizarem mudanças de sexo para poder viver relações lésbicas.

### **★ REPRODUÇÃO DO SISTEMA NORMATIVO E DE DISCRIMINAÇÃO DAS LÉSBICAS COM PLUMA**

A discriminação das mulheres que apresentam umha estética que comumente se identifica como mais masculina nom é só algo social, senom que também tem lugar dentro do próprio colectivo: nas festas, nas redes sociais, nos chats, nos perfis para procurar casal, etc.

Em muitos desses perfis fai-se explícito que mulheres masculinas ou com “pluma” nom som aceites, e noutros que é só com estas mulheres com as que se procura relacionamento.

Blogues e sites de eventos abrigam autênticos discursos de lesbofobia em boca das próprias lésbicas, degradando as consideradas “butch” e situando-as num limbo entre mulher, lésbica e homem, mas sem lhes outorgar nengumha das condições. Os insultos som do tipo “Sapatons”, “marimachos”, “viragos”, “camionista”... Umha verdadeira mostra de auto-ódio. Umha exposição dos triunfos do patriarcado.

Ademais, às lésbicas exige-se-nos umha pureza de género que nom se estende ao resto das mulheres. Umha mulher heterossexual com características que escapam do asignado ao seu papel de género será considerada diferente, ou numha categoria que se entende como alternativa (punk, hippie, heavy...). Umha mulher lésbica com as mesmas características terá pluma, e será questionada na sua categoria de mulher. Umha mostra de que este tipo de classificações nom partem do real do comportamento, senom de divisões aleatórias.



### ★ **VIOLÊNCIA ECONÓMICA**

O conhecido teto de vidro, o menor salário pelo mesmo trabalho, o assédio laboral, as dificuldades para ser contratada e para manter o posto (porque nós sempre somos mais prescindíveis para além de termos estas cousas molestas como os labores do lar, a maternidade, o período...), o trespasso de propriedades entre maos masculinas, o maior risco de despedimento... aumentam se à condiçom de mulher lhe somarmos a de lésbica. Aumenta a discriminaçom, os preconceitos e a necessidade de controlo. Se, aliás, acrescentarmos o nom reconhecimento legal na maioria dos lugares das relaçoms entre mulheres como famílias e as implicaçoms que isto tem a nível de bens partilhados, ajudas, reformas, herdanças... chegamos ao resultado de menor segurança económica e maior pobreza.

### ★ **OBSTÁCULOS PARA FORMAR UMHA FAMÍLIA**

O discurso religioso filtra-se e enraíza-se profundamente no social. As distintas religions gozam de legitimidade educativa, legislativa... Podem definir e defender a existênciam de "homem" e de "mulher", da "família" e do que deve ser. Naturalmente, um casal de mulheres nom deve ser umha família. É mais, a só existênciam do lesbianismo atenta contra as verdadeiras famílias. As lésbicas somos expulsas de diferentes locais com o argumento de que som "locais familiares". Porque nós nom temos família, nascemos de um ovo e vivemos em comunidades subterrâneas. Tem toda a lógica.

Mas ainda, sem lógica o pensamento religioso tem cruas repercussoms a nível pessoal: Armários, problemas sexuais, ódio e auto-ódio, violênciam... e a nível social: Dificuldades laborais, dificuldades para casar, para adoptar... E ainda se quem o desejar consegue casar, este vínculo legal nom possui a mesma segurança que num casamento heterossexual, e pode ser anulado em funçom do estado em que estiver o debate legislativo do momento, como sucedeu na Argentina em mais de três casamentos homossexuais durante este mês passado.

### ★ **OUTRAS IMPLICAÇOMS DA PRESUNÇOM DE HETEROSSEXUALIDADE**



Este universo heterossexual tem também nos contextos formais um lugar de violência e vulnerabilidade.

Ir a umha revisom ginecológica implica levar um *armário* (social), e ter que viver umha conseqüente saída para poder ser atendida no que di respeito à tua realidade sexual. "Mantés relaços sexuais?" "mantenho" "Com penetraçom?" Saída do armário. Porque depende de a que *pene-traçom* nos refiramos... Mas, com certeza, nom à que se da por suposta. Nom é só que te vejas na obrigaçom de te identificares como lésbica e, aliás, fazê-lo como algo à parte que nem sequer tem lugar nos protocolos; é que, além do mais, podes ter que dar explicaçons que compensem a ignorância sobre como pode ser a tua vida sexual e assumir a ignorância sobre as suas repercusons. Com o acréscimo da possibilidade de umha reacçom negativa e um maltrato.

O mesmo ocorre nos testes, nas entrevistas, nos questionários... Todo em masculino e feminino complementar. Mesmo nos que tratam temas como a conduta sexual. "Mantés relaços sexuais?" "mantenho." "Utilizas preservativo?" "Nom." Um motivo mais para nom nos fiarmos das estatísticas...

#### ★ **A MODO DE CONCLUSOM...**

Igual que no começo, todo o escrito nom é algo que me pertença, senom que reflecte um modo de estar no mundo comum que nos pertence a todas.

Aguardo que semente sororidade e luta.

**mai.ci@olholivre.net**